

# uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau<sup>1</sup>

*max nettlau & piotr kropotkin*

## I. Algumas palavras de introdução<sup>2</sup>

A carta que aqui publicamos, de Piotr Kropotkin ao ilustre historiador do anarquismo Max Nettlau, foi escrita na primeira metade do ano de 1902. Trata principalmente do individualismo e lança novas luzes não somente sobre as ideias políticas de Kropotkin, mas também sobre as ideias morais desenvolvidas por ele em grande parte em *A Moral Anarquista, O Apoio Mútuo, Justiça e Moralidade*. Falando do individualismo e criticando a estreiteza do individualismo burguês (que ele contrasta com sua própria concepção de individuação), Kropotkin toca inevitavelmente em outros problemas — revolução, liberdade, sindicalismo — que interessam não apenas àqueles que estudam suas ideias, mas também a todos que se ocupam com questões sociais.

Embora a carta seja datada de 5 de março de 1902, ela só foi enviada a Nettlau em 21 de abril. Portanto, Kropotkin deve tê-la revisado durante vários dias, e quando finalmente resolveu remetê-la, explicou assim o atraso:

“Sofia [sua mulher] tinha querido lê-la, e depois eu queria copiá-la, pois me proponho um dia a tratar seriamente desta questão do individualismo. Eu tinha mesmo começado, mas como isso me tomava muito tempo, e como aqui os copistas franceses são muito ruins, precisei recomeçar. Mas com você, a carta não vai se perder”.

Foi apenas no fim de 1925 que Nettlau colocou a carta em condições de ser publicada. O prefácio e as notas que ele acrescentou e que reproduzimos aqui, apresentam um interesse todo especial<sup>3</sup>. Além de um comentário interessante sobre as observações de Kropotkin e sobre o próprio Kropotkin, elas oferecem preciosas indicações sobre os diversos interesses de Nettlau e exemplificam as controvérsias que ocuparam os círculos anarquistas da época.

Só fiz algumas mudanças editoriais, principalmente nas notas da Nettlau. Quero expressar minha gratidão a um colega, o sr. Edward A. Walker, da seção de Línguas Românicas da Universidade McMaster, pelo precioso apoio linguístico que deu à redação deste artigo. Corrigimos certo número de erros no manuscrito, sempre preservando os estilos diferentes de Kropotkin e de Nettlau.

## II. Prefácio de Nettlau

Acredito que esta carta, contendo um grande número de observações gerais, apresenta interesse para os leitores anarquistas. Eu não ousava incomodar muito Kropotkin com minhas ideias pessoais, sabendo que seu tempo era precioso, que suas próprias ideias já eram inúmeras e que seu temperamento não o dispunha a muitas discussões,

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

pelo menos não as do tipo que eu gostaria de lhe propor, e que diziam respeito a certos pontos que ele acreditava estarem firmemente estabelecidos. No entanto, por uma vez, no inverno de 1901-1902, propus a ele certas observações, o resumo de um longo manuscrito composto em 1901, e para minha surpresa ele se deu ao trabalho de escrever cuidadosamente esta longa carta, como era de se esperar. Não possuo cópia de meu resumo, mas posso reconstruir as partes às quais Kropotkin alude em sua resposta, que não visa ser completa, ou seja, entrar em todas as minhas observações, nem seguir sua ordem. Isso importa pouco, pois o maior interesse está naquilo que Kropotkin diz. Mas acrescento explicações que ressaltam nossas diferenças quando seus argumentos não me convenceram.

Eu já havia escrito o sentido dessas minhas observações no *Freedom* (Londres), nº de setembro-outubro de 1900; mais tarde, escrevi para *Mother Earth* (Nova York) um artigo sobre elas novamente, reelaborado algum tempo depois para *Les Temps nouveaux* (Paris) etc. e continuei ainda a proferir heresias. Meu objetivo é sempre o seguinte: ver as ideias anarquistas elevadas a um plano (nível) da atenção pública diferente daquele em que se encontram há muito tempo. Caso tomássemos 100 homens em qualquer país, eles provavelmente saberiam numa proporção muito maior quem é atualmente o rei do futebol, o príncipe do boxe, a rainha do cinema — e espero que eles tivessem sabendo também muitas outras coisas úteis — do que saberiam algo válido sobre a anarquia, sobre o imenso protesto contra a autoridade em todas as formas que ela comporta. Então, se o progresso anarquista consistisse a cada ano apenas no fato de que a tiragem de certo jornal aumentou em um milhar, ou de que tivessem surgido algumas dúzias ou até

mais de novos grupos, ou que houvesse alguns novos livros e brochuras e um número maior de conferências do que no ano anterior — esse *pro rata* de progresso não me bastaria, pois significaria estarmos sempre à margem ou a reboque dos acontecimentos. Uma ideia tão grande e bela deve ser apresentada de modo diferente para *enfim* atrair *realmente* a atenção do mundo. Sua máscara, sua forma *falsa* se mostra assim: mais de 99% das pessoas consultadas na rua, dirão que o anarquista é um assassino, um louco, um sonhador do impossível. Então, é preciso encontrar os meios para lutar contra esse estado de coisas que talvez não esteja formulado em tal grau em Barcelona, Buenos Aires, Paris e em algumas cidades italianas, mas que é bastante generalizado em quase todos os outros lugares. Não pretendo ter encontrado tais meios, mas gostaria que continuássemos a buscá-los, e é nesse sentido que escrevi a Kropotkin.

Para mim, apesar de sua longa resposta, a questão permanece aberta até hoje.

*8 de dezembro de 1925.*

Max Nettlau

### III. Carta de Kropotkin

*Viola, Bromley, Kent<sup>4</sup>*

*5 de março de 1902.*

Meu caro amigo,

Li sua carta com muito interesse — pessoal e geral — e gostaria de poder respondê-la integralmente, assim como

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

discutir um de seus pontos essenciais — o individualismo<sup>5</sup>. Talvez eu faça isso um dia no que diz respeito ao individualismo, sob a forma de artigos. De qualquer maneira, tentarei lhe responder agora sem entrar em detalhes muito longos.

Abordo o ponto central de sua carta — aquele em que você pergunta por que a juventude não se interessa mais, como acontecia em 1890-94. “É que então”, você diz, “estávamos próximos de todo esse movimento de arte e literatura libertária...” etc.

Pois bem, ainda estamos. Mas são eles que não nos querem mais como antes, e depois de nos terem dado alguns camaradas, voltaram a ser agora o que sempre foram: epicuristas, individualistas bastante burgueses, que evidentemente encontram mais em Nietzsche (como seus predecessores encontravam em “Darwin”) seu assunto, ou melhor, sua desculpa, do que na anarquia.

O movimento de 1890-94 pode se explicar, na minha opinião, da seguinte maneira:

A juventude operária tinha acreditado (a agitação boulangista criara uma atmosfera inquietante) que bastariam alguns heróis devotados para provocar a revolução. Pessoas sérias e instruídas da burguesia pensaram o mesmo. Mas perceberam que isso era uma ilusão, e foram forçados a se dedicar, tanto na França quanto em outros países, ao lento trabalho de organização e de propaganda preparatória no interior das massas operárias. No momento atual, estamos nessa fase.

Quanto à juventude burguesa, ela sempre apreciou, na França — entre a idade de 19 e de 30 (anos) — afirmações

ousadas e impactantes. A negação, o “niilismo” da anarquia os atraiu. Por outro lado, o devotamento da juventude operária, seu sacrifício e a imolação de si, impressionou-os. E, finalmente, um movimento semelhante ao niilismo de Bazaroff — movimento de *costumes*, *Kulturbewegung* — visando liberar-se de algumas mentiras convencionais, amadureceu na França. Ele realmente aconteceu, com a diferença de que na Rússia o movimento de costumes niilistas (1859-69) foi seguido do movimento populista, *v narod*<sup>6</sup> — ao passo que na França nada semelhante ocorreu. Por essa razão o movimento revolucionário nada ganhou diretamente. Onde estão os Mirabeau? Onde estão os autores de ditirambos a Ravachol? Quem veio se empenhar no trabalho revolucionário? Essa juventude forneceu uma única pessoa que fosse para substituir os velhos? — *Nihil*.

A juventude é hoje nietzschiana, porque — como você formula muito bem — o nietzschianismo é um dos individualismos espúrios. É o individualismo do burguês, que só pode existir sob a condição de opressão das massas e — note bem — de lacaísmo, de servilismo diante da tradição, de *obliteração da individualidade* no próprio opressor, assim como na massa oprimida. A “*bela besta loira*” é, no fundo, uma escrava — escrava do rei, do sacerdote, da lei, da tradição — um mero número sem individualidade do rebanho explorador.

Não foi por termos nos tornado *trade-unionistas* que essa juventude nos abandonou<sup>7</sup>. Atraída pelo pitoresco, ela se sentiu desestimulada quando o pitoresco e o dramático diminuíram, e quando foi preciso se empenhar no lento trabalho cotidiano. — “Vim a você por acreditar que a revolução estava próxima; mas agora vejo que um longo trabalho de educação é necessário.” Quantas vezes escutei

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

isso em 25 anos!!! Eles se divertiram com o que havia de pitoresco em Ravachol, Vaillant, Pauwels<sup>8</sup> — e voltaram para suas vidinhas ao perceberem que se pedia a eles que provassem por sacrifícios sua sede de *liberdade*. Não peço a eles atos de revolta individual; os epicuristas são incapazes disso. Mas mesmo para defender a causa dos oprimidos (veja o último apelo de Grave<sup>9</sup>), para a escola libertária, para os pequenos cuidados da propaganda no cotidiano — onde eles estão? Ainda será preciso encontrar quem esteja disposto a trabalhar! Você conhece um movimento, um combate, que tenha produzido menos homens que lhe dessem continuidade?<sup>10</sup>.

Por quê? — Porque o individualismo estreito e egoísta — tal como foi apresentado desde Mandeville (*Fable of the Bees*)<sup>11</sup> até Nietzsche e os jovens anarquistas franceses — *não consegue inspirar ninguém*. Ele nada contém de grande, de atrativo.

Eu iria até mais longe — e isso me parece de alta importância (uma nova filosofia a ser desenvolvida): o que até hoje é chamado de “individualismo” não passava de um egoísmo estúpido, que conduz ao empobrecimento do indivíduo. Estúpido por não ser, de forma alguma, individualismo. Ele não conduzia ao que tinha sido colocado como meta: o desenvolvimento completo, amplo, a maior perfeição *alcançável* da individualidade. Ao que me parece, ninguém, com exceção de Ibsen, soube elevar-se à concepção do verdadeiro individualismo; e mesmo ele, tendo-o vislumbrado por uma visão de gênio, não conseguiu expressá-lo de modo a se fazer compreender. De qualquer forma, há em Ibsen certa visão do individualismo vindouro, que entrevejo, e que será a afirmação superior da individualidade — diferente tanto do individualis-

mo misantropo burguês quanto do comunismo cristão, e igualmente hostil a ambos, pois ambos são obstáculos ao pleno desenvolvimento da individualidade.

O individualismo que, acredito, irá se tornar o ideal da filosofia que virá em breve, não buscará sua expressão na apropriação de nada *mais* que a justa parte de cada um, do patrimônio comum da produção (única coisa que a burguesia compreendeu); ele não estará na criação ao redor do mundo de uma multidão de escravos servindo à nação eleita (*individualismus* ou *pro sibi Darwinianum*, ou melhor, *Huxleianum*);<sup>12</sup> ele não estará no individualismo sensual e “a libertação do bem e do mal”, apregoado por alguns anarquistas franceses — mesquinhos reflexos de nossos pais, os “estetas”, os “admiradores do belo”, os poetas byronianos e donjuanescos, que também o apregoavam — nem na opressão do vizinho (*individualismus nietzscheianum*) que nivela a “bela besta loira” ao estado de um animal de rebanho; mas numa espécie de *individualismus* ou *personalismus* ou *pro sibi communisticum*, que vejo vir, e que tentarei bem definir, caso tenha o tempo necessário para me dedicar a isso.

O que até aqui foi representado como individualismo era miserável, mesquinho, pequeno — e o que é pior, continha em si a negação da meta, o empobrecimento da individualidade, ou em todo caso, a negação daquilo que é necessário para se obter o mais completo florescimento do indivíduo. Vimos reis que eram ricos e que comiam até estourar e logo nos apressamos a representar o individualismo como a tendência a se tornar rico como um rei, mimado pelas mulheres (mas que mulheres! quem é que iria querê-las?), como um rei que se alimenta de línguas de rouxinóis (frias e sempre no mesmo molho) em baixelas



uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

de ouro ou prata, como um rei! E, no entanto, o que há no mundo de mais banalmente burguês que um rei?! E pior ainda, mais *escravo* que um rei!

A besta loira de Nietzsche me faz rir. Entretanto, graças a toda uma fraseologia perversa estabelecida pela literatura, na época (anos 1820 e 1830) em que esses senhores, os estetas, queriam fazer acreditar que eles representavam um tipo superior da humanidade — continua-se a acreditar ingenuamente que esses senhores que pediam permissão para abusar dos prazeres (“A mim todos os prazeres!”, ária do “Fausto” de Gounod) representavam um desenvolvimento superior da individualidade, um progresso, um *desideratum* — as pérolas da raça humana!...

Até o presente, esses farsantes do individualismo só tiveram como oponente o predicador cristão, que lhes pregava o aniquilamento da personalidade. E assim, eles se deram bem. Ao demolir o cristianismo, Nietzsche, depois de Charles Fourier, é inigualável. O mesmo ocorre ao se contrapor o *altruísta* ao *egoísta*, afirmando-se que o *altruísta* também se guia pelo egoísmo; mas à besta *egoísta* — incapaz de compreender seu próprio interesse e semelhante ao rei Zulu que acreditava “afirmar sua personalidade” devorando  $\frac{1}{4}$  de boi por dia — seria preciso opor (como fez Tchernychevsky<sup>13</sup>) o *perfeito egoísta* — o “realista pensante” de Pissarev<sup>14</sup>, que se tornava capaz de fazer infinitamente mais bem social do que o mais forte dos *altruístas* cristãos ou comteanos — mesmo se sabendo que ele só era guiado pelo egoísmo.

Por essas rápidas indicações você irá provavelmente entender o que compreendo por *personalismus* ou *pro sibi communisticum*: a individualidade alcançando o máximo

desenvolvimento individual possível, pela prática, no que diz respeito a algumas necessidades primordiais, e nas suas relações com os outros em geral, da mais elevada sociabilidade comunista. O burguês havia afirmado que o florescimento da personalidade demandaria escravos e o sacrifício de outros (não o de si próprio etc...), e o resultado foi o enfraquecimento da individualidade na sociedade burguesa moderna. Seria isso o individualismo?!!! ... Goethe teria zombado muito dessa “individualidade”! Considerem esse mesmo Goethe, essa individualidade tão marcante. Se houvesse um trabalho comum a ser feito, será que ele se esquivaria? Não. Ele teria feito muito felizes seus companheiros de trabalho, por toda alegria de viver, leveza, espírito, entusiasmo comunista, sociável que lhes teria trazido. E, ao mesmo tempo, nada teria perdido de sua imensa poesia pessoal, nem de sua filosofia: ele teria obtido, aprendendo um novo lado do gênio humano (vejam sua alegria, aprendendo o apoio mútuo!), a alegria de desfrutar da natureza num *trabalho* comunal. Ao desenvolver nessa nova direção sua pessoa, sua individualidade, (pois nada de humano lhe era estranho), uma nova corda seria acrescentada ao acorde de sua lira. Eu conheci, na vida comunal russa, certas personalidades que, sem deixarem de ser no mais alto grau o que os russos chamam de *mirskoi tchelovek*, (um homem comunal), também foram personalidades que rompiam com todos os preconceitos de suas aldeias, e andavam sozinhos, isolados, por seus caminhos — seja pela revolta política individual, seja pela revolta de seus costumes pessoais, seja pela revolta antirreligiosa, amorosa etc...

E é por isso que considero mesquinho, pequeno, falso, o individualismo de que nos falaram por um tempo os

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

jovens anarquistas franceses, *pois a ele falta precisamente a meta a que se propõe*. E essa nota soa ainda mais desafinada a meus ouvidos porque havia ao lado deles, naquele mesmo momento, homens que subiam conscientemente ao cadafalso pela causa comum, depois de terem afirmado de modo superior sua personalidade. Foi apenas devido à confusão reinante sobre a concepção do individualismo que outros, que se chamavam de individualistas, acreditaram pertencer ao mesmo campo intelectual e político que esses homens de sacrifício. Aqueles que se denominam “individualistas” (no sentido burguês) têm tão pouco direito de considerá-los como sendo “dos seus”, quanto os cristãos teriam esse direito. Eles pertencem à variedade que vejo chegar e que Ibsen buscou produzir em seus dramas<sup>15</sup>.

Esta carta está se tornando tão longa que sou obrigado a deslizar rapidamente por pontos muito importantes da sua. Repito mais uma vez que se o movimento arrefeceu na França, é porque a situação geral não é tão revolucionária quanto aquela de antes de 1894-95, e percebemos que não poderíamos *provocar* a revolução com um punhado de pessoas. Por mais que tenhamos imaginado que, por uma forte impulsão de alguns, conseguiríamos fazer explodir a revolução, não foi assim que as coisas aconteceram: foi preciso se entregar ao movimento *preparatório* que precede todas as revoluções. Além disso, a revolução precisa de um ideal, e — *o individualismo burguês poderia sê-lo?* Não! E quanto ao *comunismo anarquista*, *ele teria se determinado com suficiente nitidez* não digo entre milhões, mas, digamos, *entre os próprios anarquistas?* Não! (ele só pode se determinar nas tentativas práticas da vida). Que se encontram nesse movimento preparatório no qual ingressamos

há 5-6 anos. E a ausência de questões irritantes como o *boulangismo* e Dreyfus<sup>17</sup>, tem permitido novamente (por apenas alguns anos) esse trabalho<sup>18</sup>.

Ah se pudéssemos, aproveitando essa calma, explicar, como você diz, nossa ideia! Mas estamos diante de um problema, como não houve até o presente: *a ética de uma sociedade de iguais, absolutamente livres*. A ética cristã nada fez senão copiar a ética budista, a de Lao-Tse etc., diluindo-as e apequenando-as. Devemos criar a ética *nova* da sociedade futura socialista. *O meio operário anarquista trabalha para criar essa ética*. O trabalho envolve mil pontos. A ideia geral começa a se delinear. Mas seja por nos faltar a *genialidade*, seja porque o inacabamento do trabalho ainda não o permite — só conseguimos vislumbrá-la. Sim, é preciso retomar o fio; não somente com alguns “individualistas” de 1890, mas com os gregos da Grécia antiga. Como você pode ver, um longo caminho!<sup>18</sup>

Quanto a suas apreciações sobre o papel dos trabalhadores — passado e atual, não vou levar muito em conta a parte de exagero de que você me fala — exagero inevitável devido à brevidade. Temo apenas que, mesmo atribuindo uma grande parte a esse inevitável exagero, só reste um substrato, sobre o qual será difícil concordarmos<sup>19</sup>. Você expôs a falta de solidariedade entre operários<sup>20</sup>. Muito bem. E daí? Da minha parte e, creio ser o caso de milhares de anarquistas e de 100.000 socialistas, não preciso exagerar as virtudes dos operários para desposar a causa da revolução social, eminentemente operária. Mas foi para forjar pouco a pouco a solidariedade entre diversos ofícios e, mais tarde, entre diversas nações, para ampliar a ideia de solidariedade, para permitir-lhes ampliar a ideia de solidariedade, para permitir-lhes ampliá-la hoje como

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

já se fez<sup>21</sup>, que a Internacional foi fundada. É exatamente para despertar essa solidariedade — sem a qual seria difícil progredir — que precisamos trabalhar para que os sindicatos e os *trade unions* não sejam postos de lado pelos burgueses que, após terem falhado como moderados, buscam chegar ao poder por meios mais avançados<sup>22</sup>.

Para mim, não se trata de saber “quem é melhor — o burguês ou o operário?”<sup>23</sup>. Isso me interessa tão pouco quanto a questão de saber “quem é melhor — o homem ou a mulher?”, questão que apaixonava de forma bastante divertida os heróis de certa novela russa. O que sei é que o trabalhador tem, pelo menos, o hábito de fazer certa quantidade de trabalho desagradável — *trabalho*, não apenas *diversão* — o que é um ponto importante para o futuro; que, habituado ao trabalho manual, ele não busca, em seus sonhos de futuro, reservar para si um lugar entre os governantes, coisa que os sociais-democratas fazem<sup>24</sup>; e que, sendo explorado hoje no ponto mais baixo da escala social, ele tem interesse de reclamar a igualdade; que ele nunca deixou de reclamar por ela; que por ela, ele lutou e ainda lutará; ao passo que o burguês, ávido e idiota, acredita que é de seu interesse manter a desigualdade. Para isso, o *burguês* faz sua ciência, sua política, forja seu poder. E a cada vez que lutamos pela igualdade, o burguês estava do lado da desigualdade, pelo direito de governar, enquanto o povo estava do lado oposto. Nenhuma argumentação, nem qualquer estatística mudarão isso e, como já lhe disse na minha última carta<sup>25</sup>, é sempre o *povo*, o *operário*, que lutou na última batalha armada que pode ser citada (1871); e não vejo nenhuma razão para que seja diferente na próxima que acontecer, seja em Milão, em Barcelona, em Trieste — por toda parte!<sup>26</sup>

Quanto à tolerância de que você fala, não posso senão lhe repetir que a meu ver a tolerância foi exercida demais pelo lado no qual se encontrava na verdade. Sou a favor do *bem agressivo* e acredito que pregar o *bem passivo*, como fez o cristianismo, e como você parece pedir, (mas lembro a tempo da correção contra o exagero de qualquer carta breve), significa enterrar o progresso<sup>27</sup>. Sim, há resquícios na sociedade atual: todos os resquícios, desde o canibalismo, o período selvagem da Idade da Pedra, a Idade do Bronze, as abominações dos despotismos orientais — tudo, tudo, desde o começo da história (Você poderá assistir um belo espetáculo desses resquícios se vier em junho para a Inglaterra; já é uma bela cena a dos Huxley ajoelhados diante da rainha recebendo a investidura da Grã-Cruz. Mas haverá outras ainda mais belas nessa recrudescência das épocas mais selvagens e mais canibais que serão encenadas diante de Eduardo VII)<sup>28</sup>. Pois bem, o que se sabe a respeito? Que eu tenho que assistir a tudo isso com um olhar condescendente? Não, meu caro amigo, o ecletismo é a morte, a pior das mortes, a morte intelectual.

Sua compreensão das revoluções parece-me *absolutamente* falsa. Você fala, sem dúvida com os historiadores, quando diz: “Então, no dia seguinte, (da derrubada do governo na Rússia), os camponeses queimarão os castelos, etc.”<sup>29</sup> Mas penso ter provado que essa concepção é *absolutamente* falsa.

Se os castelos não tivessem queimado desde maio de 1789, não teria existido tomada da Bastilha em julho, nem a noite de 4 de agosto. E ao afirmar isso, tenho a vantagem de estar com Taine<sup>30</sup> — o único, com exceção, talvez de Kareev<sup>31</sup> (com a mesma opinião) a ter estudado os movimentos *precedendo* a revolução de 14 de julho. (“Conheço

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

300 motins antes de 14 de julho” diz Taine, que forçosamente só conhecia uma pequena parte deles, pois a maioria dos “materiais feudais tinham sido queimados.”). A *Jacquerie*, que começou em 1788<sup>32</sup> e durou até 1793, as seis *jacqueries* de que Taine fala foram o fundo sobre o qual se desenvolveu a Revolução e *sem o qual não teria havido nenhuma revolução*.

Os indivíduos? Você acredita que Bakunin não se equipara a Danton, e Guillaume a Robespierre? É esse fundo da *jacquerie* camponesa e operária em todas as grandes cidades do Nordeste, Leste e Sudeste que lhes faltou para que se tornassem grandes figuras históricas como seus predecessores.

A sua concepção da Comuna é também absolutamente contrária a tudo que ouvi os *communards* dizerem<sup>33</sup>. Em 18 de março, ela tinha Paris por inteiro. Entre as eleições — digamos, entre 1º de abril e 21 de maio, dia da entrada dos versalheses — o número dos defensores da Comuna foi diminuindo e nunca a Comuna *teve em abril e maio mais que 10.000 homens para defender Paris*. (Questionei sobre esse ponto Lefrançais, Pindy etc., e eles foram muito afirmativos.). Em 21 de maio, com a notícia da entrada dos versalheses, o povo se sublevou à palavra de ordem de Delescluze<sup>34</sup>: “Basta de cortesãos!” etc. E como foram massacrados pelo menos 35.000, certamente deve ter havido no mínimo 50.000 nas barricadas.

Por toda parte, *todas* as revoluções, as intelectuais e as de fato, sempre foram feitas pelas minorias. Mas, de onde vêm essas minorias? Quem é que dá o primeiro impulso nas ruas? Com certeza, não os meios burgueses!<sup>35</sup> Sempre os meios operários — inclusive em Barcelona.

[Mais tarde, Kropotkin inseriu à margem os dois parágrafos seguintes:

“Talvez isto se preste a mal-entendidos. Eis minha ideia: Os *motins* sempre vêm dos oprimidos, do povo. Chega um momento em que o descontentamento (pronto para se tornar ativo) do povo corresponde ao descontentamento (nunca pronto a se tornar ativo) da ‘inteligência’, da burguesia<sup>36</sup>. Então, acontece a revolução<sup>37</sup>.

“As *Jacqueries*, as guerras dos camponeses, Stenka Razin, Pugachev, também Milão e Trieste<sup>38</sup>, Lyon em 1830 etc. — eis os grandes motins. Tudo isso, e o impulso dos descontentes burgueses — e temos a revolução de 1789.”]

Isso é natural. Acredito que para todo socialista, para todo anarquista, tal ponto é indiscutível. Mas você me faz pensar que, talvez, seja preciso escrever sobre tudo isso.

Passando para outro assunto, não vejo nenhuma razão para seu pessimismo. A revolução, como o industrialismo, caminha desde 1648 do Oeste para o Leste: Inglaterra, França... Agora é a vez da Alemanha, que se aproxima de seu 1848, como a Rússia se aproxima de seu 1789 (um pouco mais avançada). Enquanto isso, a Inglaterra e a França se beneficiam com os frutos da revolução no país que os seguiu em revolução, para dar alguns passos à frente.

Enquanto isso, no século XIX, interveio um novo fator: as facilidades de transporte, permitindo o comércio mundial, o formidável comércio interior (na América, na França, na Rússia) e a conquista de milhões de escravos no continente negro e amarelo.



uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

Além disso, a derrota da França, Metz às portas de Paris,<sup>39</sup> tornam a França militarista. Tudo isso faz parar a revolução.

Sei que o período atual que atravessamos na Inglaterra predispõe ao pessimismo. Mas você sabe que sua tristeza, nosso pessimismo devido à *failure of England*<sup>40</sup> não passa do resultado de nossa ignorância? Elisée [Reclus] só vê na Inglaterra moderna aquilo que previa há muito tempo quando predizia a morte da Inglaterra como a morte da Espanha. Por ignorância, protestei quando ele me disse isso num dia em 1881. Mas foi por ignorância. Quando é que a Inglaterra teve em sua política externa uma atitude menos abominável que no presente? As Ilhas Jônicas (Gladstone) e Pretoria (*the same* Gladstone)<sup>41</sup> são as únicas exceções. Mas Pitt, pagando a Rússia, a Prússia, a Áustria para combater Napoleão, o bombardeio de Copenhagen e o de Alexandria, a Inglaterra pagando a Polônia para se insurgir, e a Turquia para combater a Rússia, e deixando uma esmagar a outra etc., etc.— Pitt, Palmerston, Disraeli, Chamberlain, no que o quarto integrante do quarteto é pior que os três outros? Onde houve decadência? [Kropotkin acrescenta como *nota bene*: “E também a subida da Bolsa, como em Gênova no século XVI, em Veneza, Roma, Cartago!”]

A Inglaterra *deve* perecer, a menos que ela faça “a revolução das Comunas” = a desagregação do Estado — e tome a iniciativa (ou siga a França) repetindo a revolução do século XVII.

Agora, vejamos a América; vale a pena, e acho que você irá mudar completamente sua opinião. “A América — país do dólar” — é uma asserção tão falsa quanto *Pont Neuf*,

que é a mais antiga das pontes de Paris. Élisée Reclus me dizia um dia: “Se todo mundo diz que algo é de certo jeito, fique certo, de antemão, que isso é falso!” — País do dólar? Pelo contrário, país dos *cranks*<sup>42</sup>! E os *cranks* somos você e eu — nós todos, os revoltados. Eles compram bibliotecas e quadros, mas com certeza precisam de *alguns* modelos para sua arte, já tão potente em escultura e arquitetura, embora tão jovem. Eis minha opinião: em nenhum lugar da Europa, se pegarmos 100 homens ao acaso, encontraremos tantos entusiastas, dispostos a avançar em caminhos totalmente inusitados, como na América. Em lugar algum se dá tão pouca importância ao dólar: ganho — perdido. Na Inglaterra estima-se e *worships the pound*, mas na América certamente não. Eis o que é a América. *A comuna do Oregon é dela mais próxima do que a comuna do menor vilarejo da Alemanha*<sup>43</sup>.

Mas voltando ao tema de sua carta, você afirma que mudamos de método em 1894? Será que isso é verdade?<sup>44</sup>

O tom é com certeza mais calmo do que era então — assim como o tom nos anos 1884-90 foi mais calmo do que tinha sido em 1881-82. Essa é uma das flutuações que encontramos em qualquer desenvolvimento. O mesmo tom altivo (mas já mais aprofundado, indo mais ao fundo das coisas) se reencontrará quando entrarmos num período mais atormentado. Mas de fato, não vejo muita mudança acontecer.

De minha parte, sempre fui comunista, sempre — do *Bulletin do Jura* até *La Révolte* — preguei a participação no movimento operário, no *movimento operário revolucionário*. Recentemente, fiz minha coleção de *La Révolte*. Pois bem, em cada número encontrava um e, com frequência,

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

dois artigos meus falando do movimento operário revolucionário. Assim, pelo menos no que se refere a *La Révolte*, não se pode dizer que mudamos. É de Pouget que você está falando, que faz a *Voix du Peuple*<sup>45</sup> em vez do [*Père*] *Peinard*? Pois bem, ele tem perfeitamente razão, se, depois de ter trabalhado na *elaboração da ideia*, trabalha para sua *difusão*, fazendo penetrar as ideias anarquistas e revolucionárias num meio que, um dia, será o único a empunhar o fuzil para fazer a revolução. Quanto à juventude, que fez por vezes artigos bem anarquistas, ao mesmo tempo em que ficava de fora do movimento de todos os dias — alguns continuam a nos ajudar com a pluma e o lápis nos jornais e escolas; parece que outros vão, em breve, lançar suas candidaturas — para atingir o “perfeito” desenvolvimento, suponho, de sua individualidade. A estes — boa viagem!

Nunca fazer qualquer concessão ao princípio burguês e autoritário — é isso, certamente, que devemos visar. Mas afirmar que quem-quer-que-seja poderia sentir mais orgulho libertário limitando-se a escrever ou a falar sobre anarquia individualista do que participando do movimento sindical<sup>46</sup>, isso, meu caro amigo, é uma simples ilusão de ótica. Permanecer *livre*, para o operário que *tem que vender* sua força de trabalho é claramente impossível, e é precisamente por ser impossível que somos anarquistas e comunistas. Nietzsche pode permanecer muito livre desde que houvesse servos para mantê-lo vivo e se aproveitasse do trabalho deles para viver. Só assim! Precisamente por isso ele não entendeu nada da revolta operária econômica. O grande Nietzsche, pois ele era grande em certa revolta, permaneceu *escravo* do preconceito burguês. Que terrível ironia! Quanto ao burguês que afirma ser livre e conservar

sua plena independência, quando ele vende seu cérebro, seu pincel ou sua pluma a outros burgueses, ele acaba um dia por se vender de corpo e alma a Rhodes ou a Waldeck; e enquanto escreve artigos comoventes sobre Ravachol e seu direito ao roubo, ele já é mais escravo (de espírito e de fato) que o tanoeiro de Barcelona, alistado na organização que assina “Salud y Anarquia” e conta com 100.000 operários.

Sua utopia é muito boa. É possível que passemos por um período semelhante. Mas *para se chegar a isso será necessária a revolução*, como foi necessária a revolução anabatista e luterana do século XVI, a revolução de Cromwell em 1648, e os primórdios da revolução na França para que chegássemos à tolerância reinante no tempo dos enciclopedistas. Penso que seu erro principal seja atribuir a uma evolução feita pela elite o que foi conquistado claramente pela força da revolução popular. Calculando por baixo, *cem mil homens, anabatistas, decapitados* na Holanda e na Alemanha do Norte (número fornecido pelos historiadores *recentes* da Reforma), perto de 100.000 camponeses mortos na revolta de 1525 — isso está bem longe da evolução por homens da elite! Que estes tenham se beneficiado daquilo que o movimento camponês e operário conquistara — que eles tenham tido a inteligência para fazer com que a Europa desse o passo seguindo adiante — nada mais verdadeiro. Mas para se chegar a isso foi necessária a sublevação das massas. Sem isso, seriam engaiolados... Sim, para chegar a seu idílio, *antes é necessária a revolução* — e a questão é saber: *o que vai permitir prepará-la?* Aqui está toda a questão, e vocês concordarão que Barcelona, Trieste, Milão<sup>47</sup> estão preparando-na ao lhe fornecer o elemento que faltava em 1890-94: o povo.

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlaui

É por isso que considero sua comparação do movimento anarquista unionista com o movimento social-democrata muito injusta.<sup>48</sup> Evidentemente, o movimento espanhol ou sindical francês representa uma limitação do ideal, não teoricamente, mas em sua encarnação em tais homens em tais datas. Evidentemente, *toda* realização nos fatos encontra-se abaixo do ideal no qual se originou (esta carta, por exemplo, está abaixo do ideal que me fez escrevê-la). Mas a semelhança para aí. Um desses dois movimentos é, na teoria e na prática, revolucionário; o outro é, na teoria e na prática, por seus velhos resquícios, o contrário de revolucionário, para não dizer reacionário, o que seria dizer demais. Um busca precipitar a marcha dos acontecimentos, o outro, refreá-la!

Dado nosso ideal, o que podemos visar é que tudo que fizermos traga a marca desse ideal, que se inspire nele. Nesse sentido, nada temos a reprovar no movimento de Barcelona, que também não pudesse ser reprovado em toda a atividade em 1890-94: incluindo a publicação de artigos individualistas nos jornais ou mesmo os atos individuais. (Isso, sem mesmo me inspirar na ideia, formulada no começo desta carta, de que o individualismo que era então pregado, após mal-entendidos, não se diferenciava suficientemente do pseudo-individualismo dos burgueses que leva ao apequenamento do indivíduo).

Quanto a Tolstói, se ele não fosse *cristão* ao mesmo tempo que comunista e anarquista, ele não teria tido mais sucesso que os anarquistas — sem falar de seu formidável talento que faz com que se aceite dele (por exemplo, a negação da Justiça) aquilo que nunca teria sido aceite de nós.

Mas, basta! Tenho, entretanto, que terminar esta carta, e faço-o bruscamente. Amanhã devo começar um trabalho e não poderei mais lhe escrever.

Com toda amizade, de todos nós.

*Pierre* [Piotr Kropotkin]

Tradução do francês por Martha Gambini.

## Notas

<sup>1</sup> Documento organizado por Derry Novak, também autor da nota inicial, publicado na *International Review of Social History* 9, n. 2, 1964, pp. 268-285. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44583626> (acesso em: 10/04/2021). (N.E.)

<sup>2</sup> Nota introdutória por Derry Novak. (N.E.)

<sup>3</sup> O manuscrito desta publicação está conservado no Instituto Internacional de História Social em Amsterdã. (N.O.)

<sup>4</sup> No momento em que escreveu a carta, Kropotkin se encontrava no Reino Unido. Após escapar da prisão em St. Petersburg, dirigiu-se para a Inglaterra, Suíça, França, onde foi preso novamente, e voltou à Inglaterra depois de ser liberado em 1886. Com a notícia da Revolução, em 1917, Kropotkin retornou à Rússia, depois de 40 anos no exílio. (N.E.)

<sup>5</sup> Eu havia dito que, sem deixar de reconhecer o valor do comunismo anarquista e aceitando pessoalmente suas ideias, isso não me impedia de ver o *fato* de que aspirações individualistas de muito boa fé existem e se fazem ouvir, e que para nós não é suficiente esperar universalizar as ideias comunistas anarquistas. Ao contrário, seria necessário encontrar um *modus vivendi* com o individualismo de boa qualidade, para tê-lo como um aliado ou um amigo na luta contra a autoridade, em vez de tratá-lo como inimigo ou indiferente, e necessariamente ser considerado por ele da mesma maneira.

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

<sup>6</sup> *Khozhdenie v narod* — em direção ao povo, em tradução livre — foi um movimento dos Narodniki, intelectualidade socialista na Rússia, durante a década de 1860 e início dos anos de 1870. Acreditava-se que a força da revolução no país estava entre os camponeses e, portanto, estes deveriam ser o alvo de propaganda. Dessa maneira, jovens intelectuais se vestiam como camponeses e se dirigiam às regiões rurais, incitando o levante contra o sistema do Tsar. O movimento levou a perseguições, prisões e ao famoso “juízo de 193”, em 1878. (N. E.)

<sup>7</sup> Eu tinha escrito sob a impressão da admiração ilimitada, cega, do sindicalismo, que testemunhei nos anos a partir de 1895, quando tantas camaradas acreditaram que nossa causa estava no bom caminho para se expandir, para ter um rápido sucesso graças ao sindicalismo e quando, para alguns, qualquer outro meio de propaganda e tipo de ação era um esforço inútil, ocioso, depreciado. Eu havia insistido na necessidade de reestabelecer o equilíbrio, de restaurar a universalidade da propaganda.

<sup>8</sup> O camarada morto na igreja da Madeleine em Paris pela explosão súbita de uma bomba que ele carregava.

<sup>9</sup> Kropotkin provavelmente se refere ao texto de Jean Grave “Individualisme et Solidarité”, publicado, posteriormente, no *Almanach illustré de la révolution pour 1904*. Paris, P. Delesalle, [1902?- 1904]. Disponível em: [https://iiif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427307369\\$3i](https://iiif.lib.harvard.edu/manifests/view/drs:427307369$3i) (N. E.)

<sup>10</sup> Essa observação é bastante exata; mas a mudança de atitude de tantos anarquistas desde que, a partir de 1895, eles viram todos esses sindicatos, inspirados pelo espírito de Fernand Pelloutier, e também tantos operários socialistas (os germânicos) desinteressando-se pelo parlamentarismo (era bastante comum nesse momento a ideia de que, a partir de então, pela via do sindicalismo seria possível chegar diretamente à anarquia) deve ter interrompido o esforço propagandístico dirigido não somente para esses amantes do pitoresco de que fala Kropotkin, mas principalmente para aqueles que foram atraídos pelos amplos horizontes abertos a toda humanidade pela propaganda de Élisée Reclus, do próprio Kropotkin, e outros, até 1894. Ao acreditarem possuir a panaceia sindicalista, fingiam, por assim dizer, não precisar deles. E então, não vieram mais. Foi essa retração, esse caráter unilateral da propaganda a partir de 1895 que eu deplorava; alguns acreditavam que até 1895 estávamos num mau caminho. Eu pensava quase totalmente o contrário.

<sup>11</sup> Bernard Mandeville. *The Fable of The Bees: or, Private Vices, Publick Benefits*, 1714. (N.E.)

<sup>12</sup> Conhecemos a profunda aversão de Kropotkin ao professor Huxley que tinha [imposto] o mais raso aburguesamento sobre o darwinismo. [Thomas Henry Huxley foi um biólogo inglês, conhecido por sua enérgica defesa da teoria evolucionista de Darwin, o que lhe rendeu o apelido de “buldogue de Darwin”. (N.E.)]

<sup>13</sup> Nikolai Gavrilovitch Tchernichevski (1828-1889), escritor e socialista russo, que há época ficou conhecido por seu romance *Que fazer?*, 1862, que teria influenciado Vladimir Lenin. (N.E.)

<sup>16</sup> Dmitry Ivanovich Pisarev (1840-1868), escritor nascido na Rússia e um dos principais expoentes do niilismo russo. (N.E.)

<sup>17</sup> Nunca fui fascinado por qualquer variante do pseudo-individualismo, e reconheço a beleza do individualismo comunista que Kropotkin vislumbra. Mas mesmo o homem mais inspirado pelo sentimento social e sociável pode por vezes proceder por vias mais individuais, independentes, separando-se por um tempo das dos outros. É isso que precisaria ser dito claramente para dissipar a impressão de que o comunismo libertário absorveria automaticamente as iniciativas e atos independentes individuais. Será ótimo se todo individualismo sincero, altruísta, encontrar satisfação no individualismo comunista de Kropotkin, mas isso só a experiência pode confirmar.

<sup>18</sup> O *boulangismo* foi um movimento na França do século XIX, de caráter autoritário e que tinha como alvo a derrubada da Terceira República Francesa, liderado pelo general Georges Boulanger. Alfred Dreyfus foi um capitão da artilharia na Terceira República Francesa, acusado de traição no que ficou conhecido como “O caso Dreyfus”. (N.E.)

<sup>19</sup> Tenho a impressão de que essa ausência de “questões irritantes” não passava de uma razão a mais para tentar voltar ao primeiro plano. Foi deixado campo livre para a reação nacionalista, continuando o *boulangismo* e o anti-dreyfussismo, apoderando-se então da juventude e apresentando pelo neo-royalismo, catolicismo, nacionalismo, e em breve no próprio socialismo devido à estranha perversão de Georges Sorel (vide sua revista, *L'Indépendance*, a partir de 1911), um domínio sobre o espírito da juventude francesa, e também italiana, o que conduziu diretamente à guerra e ao fascismo de nossos dias. Não conseguíamos prever todo esse mal no início



uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

de 1902, mas eu teria desejado que já então Kropotkin e outros tivessem feito um esforço para retomar para a ideia anarquista um espaço mais amplo. Isso não foi feito na época, e logo as questões russas, os acontecimentos que levaram à Revolução de 1905, absorveram em primeiro lugar sua atenção.

<sup>20</sup> Embora os primeiros artigos sobre a ética só tenham sido publicados em 1904 (agosto) e 1905 (março) no *Nineteenth Century*, Kropotkin já havia então mergulhado há muitos anos nesse tema que, alternando-se com a Revolução Francesa, logo iria absorvê-lo.

<sup>21</sup> Eu havia dito então que deixara de lado muitos fatos e argumentos, sobre aos quais necessariamente concordávamos, sem que isso quisesse dizer que eu os ignorasse ou contestasse. Nessas condições eu lhe propus certas opiniões, com meus motivos e conclusões.

<sup>22</sup> Na *vida de todos os dias* onde, talvez ainda neste momento, a falta de solidariedade me parece ser, proporcionalmente, mais frequente que os atos de solidariedade — ou já estaríamos muito mais próximos do estado feliz de solidariedade e de liberdade que desejamos. Enquanto o operário, sob ordens, estiver disposto a arruinar a saúde de outros operários (produzindo produtos nocivos), a ser seu chefe, seu inspetor, etc. (como contramestre, carcereiro, etc.), a matá-los no interior ou exterior (como policial ou soldado), etc. a solidariedade será muito insuficiente, e não podemos *nos iludir* quanto a esse fato. Foi nesse sentido que provavelmente escrevi a Kropotkin.

<sup>23</sup> Alusão a minha conferência “*Responsability and Solidarity in Labour Struggle*” em *Freedom Discussion Group*, 5 de dezembro de 1899, impresso em *Freedom*, em 1900, num folheto em inglês (maio de 1900) e como relatório proposto pelo grupo Freedom no congresso internacional de 1900 (*Les Temps Nouveaux*, “Supplément littéraire”, 1900); num folheto em francês, Paris, 1903; em espanhol, Barcelona, 1904, e em outras línguas.

<sup>24</sup> Nessa época, a luta dos sindicalistas revolucionários na França contra os reformistas não tinha terminado, e na Inglaterra não havia ainda quase nenhum traço de espírito sindicalista no grande mundo do trabalho organizado.

<sup>25</sup> Provavelmente eu havia observado que tendências e inclinações semelhantes de se elevar uns sobre os ombros dos outros e manifestações semelhantes antissolidaristas ainda hoje se encontram entre os operários e os burgueses, apesar de todo o esforço moralizador do socialismo e da organização operária.

<sup>26</sup> Mas, eu poderia observar aqui, quem são os social-democratas, a não ser *a parte dos operários* que, não apreciando muito o trabalho manual, preferem se alojar nas administrações etc.? O fato de que estejamos acostumados a um trabalho não significa que sempre gostamos dele e estamos dispostos a continuar nele. Aqui, a realidade parece estar em contradição com o pensamento generoso de Kropotkin.

<sup>27</sup> Eu a guardei, mas não a tenho diante de mim, nem na lembrança, nesse momento.

<sup>28</sup> Com certeza não fui eu a expressar a menor dúvida sobre isso. Até onde me lembro, minhas observações referiam-se a *este* tema: que apesar das tendências igualitárias e solidaristas de muitos operários, a vida prática das oficinas e fábricas quase sempre leva à diferenciação entre eles, segundo as capacidades, os caracteres especiais etc. o que faz alguns avançarem um pouco, e por vezes mesmo muito, e outros não saírem do lugar. Essa seleção nem sempre é uma eliminação dos menos solidários (o mais malvado tornando-se contramestre etc.), mas também uma elevação dos mais capazes (que o patrão tem interesse de tratar melhor, atrair para sua esfera de interesse, etc.). Eu concluía que, através *dessas diferenciações* muitos bons elementos eram continuamente arrancados do meio de seus camaradas, e que me parecia que tais fatos explicavam a lentidão com que a grande massa compreende nossas ideias, pois muitos talentos, que compreenderiam mais rapidamente e que saberiam e queriam agir, eram continuamente separados dessa massa pelos capitalistas que desejavam em primeiro lugar aproveitar desses talentos. Lembro que nem nessa carta, nem aliás discutindo, Kropotkin entrou nessa questão. Eu pensava que, de todos os camaradas, os mais úteis à causa são aqueles que, aceitando as ideias, permanecem *em meio aos operários*, sem querer sair daí, como fizeram tantos bons camaradas por toda parte: Johann Neve, Sam Mainwaring, Lucien Guériveau, e tantos outros! Na época (1902) eu teria gostado que houvéssemos encorajado mais esse tipo de propaganda que era bastante diferente da tendência, aliás compreensível, de muitos anarquistas de deixarem então as oficinas e viverem como pudessem. Por vezes, foi bom para eles, mas isso os separava dos operários.

<sup>29</sup> Sempre me pareceu impossível falar de tolerância com Kropotkin sem que ele se zangasse. Já escrevi muitas vezes sobre o que entendo por *tolerância mútua*. Não é a não-resistência ao mal, nem qualquer renúncia a empregar a força. É apenas a convivência das pessoas, a coexistência de instituições, que não têm as mesmas opiniões ou que se baseiam no mesmo sistema, mas que preferem viver em paz e não em conflito e combate permanente até o

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

sufocamento de um dos dois. Penso que mesmo hoje, um número muito grande de coisas acontece na paz e que a violência é um último recurso que não proíbo a ninguém, mas que eu lamentaria ver se generalizar. Não queimamos mais aqueles de outra religião, nem mesmo os livres pensadores, e ousa imaginar que chegaremos ao mesmo grau de tolerância mútua quando se tratar de questões nacionais e sociais. Falei então a Kropotkin, como exemplo, dos Quakers e daqueles que por princípio se recusam a tocar nas armas — e a guerra mostrou que essa ideia penetrava muitos homens, os *conscientious objectors* da Inglaterra e dos Estados Unidos etc. Em resumo, nunca entendi por que Kropotkin, que buscava e encontrava por toda parte tantos traços do apoio mútuo, considerava impossível ou não desejável que chegássemos a colocar as disputas no nível da ação autônoma diferente de duas ou mais partes em litígio.

<sup>30</sup> A coroação.

<sup>31</sup> Confesso que nunca aceitei completamente a tese de Kropotkin [sobre a revolução]. Sempre houve atos de violência social, mas eles só se generalizam e se tornam o impulso de uma revolução irrevogável quando, por algum ato coletivo, corajoso, o gelo é quebrado, se assim posso me expressar, quando um sentimento de segurança, a consciência da solidariedade geral com seus atos tranquiliza os revoltosos. Assim, a Revolução Russa de 1917 se transforma em revolução social — os camponeses russos de 1917 só expulsaram os proprietários e queimaram castelos quando a proibição do czarismo foi suspensa em março de 1917, não antes. E os camponeses franceses de antes de 1789 não queimaram castelos em quantidade senão quando por toda parte no país se soube que a miséria das finanças etc., tinha acuado a realeza contra a parede e que todo mundo estava determinado a exigir contas ao sistema que ainda vigorava. Da mesma forma, em 1848, foi o 24 de fevereiro em Paris que quebrou o gelo; os acontecimentos de 1847 não tinham ainda tido sequência. É sempre necessário algo que dê a verdadeira coragem ao povo; sem isso, ele não a encontra, ou teria feito a revolução há muito tempo. Em maio de 1789, os Estados Gerais convocados davam já há algum tempo tanta impulsão à coragem das massas que os castelos queimaram facilmente. Mas não foi por causa dos castelos que os Estados Gerais foram convocados.

<sup>30</sup> Hippolyte Taine (1828-1893) foi um historiador russo. (N.E.)

<sup>31</sup> Historiador russo que, segundo os documentos dos Arquivos, estudou as origens da Revolução Francesa.

<sup>32</sup> Tinha havido a Assembleia dos Notáveis em 1787, e em 1788 os acontecimentos que, por ocasião de seu centenário, em 9 de junho de 1788, foram chamados de Revolução Dauphinoise de 1788 (Grenoble, Vizille, Romans, etc., etc.).

<sup>33</sup> Eu havia provavelmente dito, e ainda diria, que em tudo que aconteceu desde o 4 de setembro — dia que devolvera a coragem a todos, após anos de submissão desde dezembro de 1851, quase 19 anos, durante os quais nenhum dos numerosos e corajosos protestos encontrou um verdadeiro eco no povo — até 18 de março, havia a mão de um grande número de homens ou de grupos e comitês e muito pouca iniciativa popular; e havia, em tudo que aconteceu, muito mais de iniciativa e de ação consciente de um grande número de homens, do que essa espontaneidade popular que para mim é um pouco lendária. Quando é dado um golpe bem-sucedido, então, todo mundo se mexe e imagina logo ter participado dele, mas o golpe mesmo sai o mais das vezes de uma iniciativa muito consciente.

<sup>34</sup> Louis Charles Delescluz (1809-1871) foi um proeminente *communard*. (N.E.)

<sup>35</sup> Pelo menos em 1848, e também em 1830 em Paris, operários e burgueses participaram igualmente dos primeiros movimentos, os burgueses tanto como membros das sociedades secretas, quanto como estudantes. Na Comuna de Paris, nos movimentos insurrecionais da Internacional na Itália e Espanha, em tudo que aconteceu na Rússia, havia jovens burgueses entre e com os operários. Nos movimentos mais recentes que partem de uma greve, naturalmente predominam os operários, mas Ferrer, em 1909, e Malatesta, em 1914, também estavam lá.

<sup>36</sup> Os jovens burgueses da Carbonária na França, mais tarde Blanqui e Barbès, e depois deles Flourens, não desejaram ardentemente desencadear motins, quase sempre sem encontrar ressonância popular quando saíram às ruas?

<sup>37</sup> Para a *revolução* não é ainda necessário esse sentimento quase unânime de todo homem de pensamento alerta, de que um sistema é insustentável, de que está excessivamente comprometido, de que desta vez a taça transborda? Foi assim o fim dos Bourbons em 1830, o de Luiz Felipe em 1848, a queda dos Bonaparte em 1870 etc.

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

<sup>38</sup> Talvez haja um erro: pelo menos eu não conheço nenhuma sublevação retumbante em Trieste. Em Milão houve as cinque giornate em 1848, em Lyon as insurreições de 1831 e 1834.

<sup>39</sup> Esse pensamento da proximidade de Metz, de 1817 a 1918, fortaleza alemã, de Paris, agitava continuamente Kropotkin.

<sup>40</sup> São palavras de minha carta, que expressavam a desilusão com o socialismo e mesmo o radicalismo inglês, que não tinham conseguido impedir a destruição da independência dos Boêrs, e nem as crueldades desta guerra, campos de concentração etc.

<sup>41</sup> Nessas duas únicas ocasiões a Inglaterra abandonou um território ocupado ou anexado por ela.

<sup>42</sup> A palavra *crank* em inglês, era usada no final do século XIX e início do século XX, como uma forma pejorativa para denominar aqueles tidos como “loucos”, “excêntricos”. Nos anos 1880, por exemplo, o jornal *The New York Times* usou o termo para identificar “fanáticos religiosos”, poetas nas calçadas, figuras solitárias em bares etc. etc. Em uma notícia de 16 de setembro de 1888, sobre o julgamento de Charles L. Bodendieck, em Chicago, por tentativa de atentado com dinamite na prefeitura, o título “Crank or Anarchist?” sugere que a linha que separava inconformados, “perigosos”, de “loucos” era muito tênue. O fato é que o termo se referia àqueles que de alguma maneira não se adequavam às maneiras, formas de pensar, de se vestir etc., da população geral. (N.E.)

<sup>43</sup> Acho que agora entendo melhor o que fez Kropotkin falar dessa maneira da América. Nesse imenso país, livre das preocupações que pesam sobre todos os povos da Europa, havia lugar para todos, tanto para o *dólar*, quanto para os *cranks*, ou *homens de ideias avançadas*. *Isso continua sempre assim — o dólar prospera, os cranks não aumentam na mesma proporção que os Babbits, mas de qualquer forma continuam existindo*. Na época desta carta ainda se dizia que os trabalhadores avançados iriam um dia se apoderar de um dos novos Estados do Oeste para nele estabelecer uma República do Trabalho ou comunas como aquelas de que Kropotkin fala. Hoje é precisamente ali que as perseguições são mais duras. Infelizmente, o *crank* ainda não venceu o *dólar*.

<sup>44</sup> Trata-se do movimento anarquista.

<sup>45</sup> [Émile] Pouget publicara de 1889 a 15 de abril de 1900, as diferentes séries de seu *Père Peinard*, jornal semanal anarquista em gíria parisiense,

publicação única na imprensa anarquista, como exceção talvez da *Freiheit* de Most, por sua verve popular. Ao mesmo tempo que Kropotkin, Pouget sempre permaneceu em contato com os movimentos operários. Essa voz admirável calou-se em 1900 para sempre — aqueles que não suportavam o *Père Peinard* são provavelmente a causa direta disso — e Pouget redigiu por alguns anos a *Voix du Peuple*, o grande órgão semanal publicado pela Confederação Geral do Trabalho, a partir de 1º de dezembro de 1900. Eu não era o único a lamentar essa neutralização em um órgão oficial e ao mesmo tempo oficioso, destinado a fazer prevalecer a opinião dos dirigentes da C.G.T., de um homem que durante onze anos foi o escritor mais independente e potente do anarquismo francês. Certamente sei que ele exerceu alguma influência no meio sindicalista e que seu coração já estava aí nos últimos anos, quando ele ainda fazia o *Père Peinard*, mas seu distanciamento — e ele foi completo — do movimento anarquista militante, mostrava a fraqueza desse movimento na época, e exatamente por isso ele não deveria tê-lo abandonado. Se acreditou que poderia anarquizar o sindicalismo, deve ter percebido que se enganara. Ele foi engolido, absorvido como tantos outros por um ambiente geral que não vou discutir aqui.

<sup>46</sup> Não consigo imaginar que eu tivesse falado então de uma “anarquia individualista”. Mas devo ter contrastado a independência de Pouget em seu *Père Peinard* à perda dessa independência na *Voix du Peuple*, onde me sentia sempre penosamente chocado ao vê-lo naquele pequeno apartamento que dividia com outros — como um pobre pássaro engaiolado — rodeado de homens que tinham certamente preocupações bem diferentes da anarquia, e falando sobre ela em voz baixa, num tom resignado. Eu sempre saía dali com uma impressão penosa. Gostaria de acrescentar que com certeza não fui eu quem falou de Nietzsche, que sempre considerei um autoritário e sobre quem não teria qualquer razão de falar numa discussão sobre os anarquistas. Mas Kropotkin tinha o hábito de identificar um pouco depressa demais (na minha opinião) as correntes anarquistas que lhe desagradavam, com as ideias de Nietzsche e então de combatê-las, combatendo os lados fracos de Nietzsche.

<sup>47</sup> Milão em maio de 1898, Barcelona em 1901. Houve também em 1901 e 1902 esforços grevistas bastante fortes em Trieste, Estocolmo, Lemberg, na Bélgica, entre os mineiros franceses, os estivadores na Holanda etc.

<sup>48</sup> Eu havia dito que acreditava ver no sindicalismo — tal como então entusiastas anarquistas o enxergavam com muita frequência — um perigo para o anarquismo, como o parlamentarismo operário (social-democrata)

uma carta inédita de piotr kropotkin a max nettlau

tinha sido para o socialismo autoritário — um abismo que nos engole ou um mar que dilui nossas ideias, tornando-as anódinas.

### *Resumo*

*Em resposta a uma carta de Max Nettlau, Kropotkin expôs algumas de suas reflexões acerca da diferença entre o individualismo burguês e o libertário e do anarquismo comunista de seu tempo.*

*Palavras-chave: Anarquismo, Nettlau, Kropotkin.*

### *Abstract*

*In response to a letter from Max Nettlau, Kropotkin presented some reflections on the difference between bourgeois and libertarian individualism and discussed the communist anarchism of his time.*

*Keywords: Anarchism, Nettlau, Kropotkin.*

*Indicado para publicação em 15 de fevereiro de 2021.*

***An unpublished letter from Piotr Kropotkin to Max Nettlau, Max Nettlau & Piotr Kropotkin.***